



CIENCIAS SOCIAIS EM ÁFRICA: DESAFIOS E PERSPETIVAS

Marcos Fernando Gomes¹
Ricardo Ossagô De Carvalho²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar diferentes paradigmas que colocam os estudos das ciências sociais em África em um lugar de baixa credibilidade e os desafios enfrentados no trilho da construção de uma epistemologia própria. Este trabalho baseia-se em levantamento bibliográfico, principalmente dos materiais usados no componente curricular da disciplina “Sociologia da África II”, ministrada pelo professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho, no curso de licenciatura em sociologia na UNILAB. Vale destacar que este trabalho é parte da avaliação final da disciplina, requisito para aprovação. O trabalho contou com a contribuição de autores como Carlos Cardoso (2011), Paulin Hountondji (2004) e Kwesi Yankah (2015), que foram fundamentais no diálogo sobre o tema. Diante desses paradigmas, autores sugerem a necessidade de uma ruptura epistemológica para que ocorra um crescimento significativo nas ciências sociais e nos estudos africanos. A partir das análises e discussões com vários autores, concluímos que as ciências sociais ou os estudos africanos enfrentam uma série de paradigmas impostos pelo Ocidente, como forma de manter o domínio do conhecimento científico.

Palavras-chave: África; ciencias sociais; desafios; perspectivas.

UNILAB, PALMARES, Discente, gomesmarquito111@gmail.com¹
UNILAB, PALMARES, Docente, ciencia politica hoje@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Este artigo visa analisar diferentes paradigmas que colocam os estudos das ciências sociais em África em uma posição de baixa credibilidade, além dos desafios enfrentados na construção de uma epistemologia própria. A África, mesmo após expulsar o colonizador, continua a lutar para firmar seu modo de produção de conhecimento. Cardoso (2011, p.129) afirma que "as ciências sociais ocidentais passaram da missão de civilizar a África para a missão de desenvolver a África".

No campo das ciências sociais, surgem vozes que buscam subverter a lógica ocidental que classifica a África como um lugar desprovido de conhecimento. Este trabalho problematiza o conhecimento produzido em África, tanto no continente quanto na diáspora, que tem ganhado repercussão no campo científico contemporâneo. Cardoso (2011, p.125) afirma que "o campo científico se tem pautado por paradigmas ditados pelas ciências sociais ocidentais".

Consideramos pertinente abordar essa temática para contribuir com os estudos das ciências sociais em África. Procuramos entender por que as ciências sociais em África continuam sendo subalternizadas e o que deve ser feito para reverter essa situação.

Pensar as ciências sociais em África requer considerar as condições de produção científica no continente, que têm sido reivindicadas nas últimas décadas por diversas vozes, buscando um lugar de destaque para os Estudos Africanos no concerto das epistemologias globais (Cardoso, 2011).

METODOLOGIA

Este trabalho resulta de um levantamento bibliográfico, com foco nos materiais usados na disciplina "Sociologia da África II", ministrada pelo professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho. É importante ressaltar que este estudo faz parte da avaliação final da disciplina.

Contamos com a contribuição de Paulin J. Hountondji, autor da obra "Conhecimento de África, conhecimento de africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos", que questiona até que ponto os chamados "Estudos Africanos" são realmente africanos. Também utilizamos a obra de Carlos Cardoso, "Da possibilidade das ciências sociais em África", na qual o autor discute a necessidade de uma epistemologia alternativa para o continente.

O desenvolvimento deste trabalho está dividido em duas partes: na primeira, discutem-se os desafios contemporâneos enfrentados pelos estudos africanos; na segunda, reflete-se sobre a dimensão do conhecimento africano e as perspectivas futuras para as ciências sociais em África.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS DESAFIOS DOS ESTUDOS AFRICANOS NA CONTEMPORANEIDADE

Os estudos africanos, de forma ampla, envolvem a interação entre diversas disciplinas, além das ciências sociais. Como Hountondji (2008, p.149) afirma: "Quando falamos de estudos africanos, estamos nos referindo não apenas a uma disciplina, mas a todo um leque de disciplinas cujo objeto de estudo é África".

Para que os estudos africanos avancem, é necessário romper com as epistemologias ocidentais. A necessidade de ruptura entre essas duas perspectivas é tema de intenso debate no campo dos estudos africanos. A principal questão que se coloca é: como isso será feito? Além da pergunta sobre a possibilidade de uma ruptura epistemológica, surge a necessidade de responder a uma série de questionamentos:

"[...] será que dispomos de quadros teóricos adequados capazes de ligar as diferenças no tempo e no grau destas mudanças históricas em vários lugares do continente e capazes de acomodar racionalmente a



variedade das diferentes culturas que resistem ao impacto homogeneizador do sistema de comunicação, de transporte, de energia e de produção essencialmente produzidos no Ocidente?" (Cardoso, 2011, p.130-131).

Cardoso (2011, p.126) menciona renomados autores que debateram esse tema ao longo de décadas, como Mudimbe, Mazrui e Diagne, demonstrando que o estudo das sociedades africanas questiona a epistemologia ocidental.

Hountondji (2008), com uma perspectiva mais radical, defende que os estudos africanos não podem ser controlados pelo Ocidente e que os africanos devem se apropriar deles. Na mesma linha de pensamento, Yankah (2004) acredita que o futuro da África deve ser definido dentro do continente, pelos africanos. No entanto, "as condições da prática das ciências sociais em África são, na maior parte dos casos, muito precárias" (Cardoso, 2011, p.134).

Historicamente, as primeiras universidades em África desempenharam um papel de reprodução do pensamento colonial, mantendo suas relações com o Ocidente. Durante a fase colonial, as universidades modernas eram uma raridade no continente. Apenas após a derrota do colonialismo, o número de universidades cresceu significativamente, transformando a paisagem do ensino superior (Cardoso, 2011, p.127).

Nos anos 1970, ocorreram mudanças que contribuíram para o declínio das instituições de ensino superior em África, como a "fuga de cérebros" e a falta de docentes qualificados para os cursos recém-criados. Isso estagnou o processo de pesquisa científica nas universidades africanas (Cardoso, 2011).

A DIMENSÃO DO CONHECIMENTO AFRICANO E AS PERSPECTIVAS FUTURAS

Hountondji (2008) argumenta que o modo de fazer pesquisa em África é, muitas vezes, voltado para atender ao interesse do público ocidental. Grande parte dos artigos científicos africanos é publicada em revistas estrangeiras, orientadas para leitores fora do continente. Isso reflete uma atividade científica "extravertida", ou seja, direcionada para o exterior, em vez de focada nas necessidades e questões internas da África.

Yankah (2004) complementa que o domínio acadêmico ocidental sobre a África é mantido por meio de barreiras linguísticas e pela centralização da produção acadêmica em editoras internacionais. Para enfrentar essas limitações, Yankah propõe uma série de medidas, como o acesso igualitário a publicações acadêmicas internacionais, o respeito pelos textos em idiomas africanos e a inclusão de acadêmicos africanos nos conselhos editoriais internacionais.

O entendimento do conhecimento europeu como hegemônico é outro desafio para a África, que precisa projetar suas próprias bibliotecas de saber (Adesina, 2012).

CONCLUSÕES

A partir das análises e discussões com diversos autores, concluímos que as ciências sociais ou os estudos africanos enfrentam uma série de paradigmas impostos pelo Ocidente, que buscam manter o domínio sobre o conhecimento científico. As condições para a prática das ciências sociais em África têm sido prejudicadas pela ausência de fatores fundamentais para o desenvolvimento científico, como a falta de debates, meios de publicação e outros recursos essenciais. Diante desses paradigmas, autores sugerem a necessidade de uma ruptura epistemológica para que ocorra um crescimento significativo nas ciências sociais e nos estudos africanos.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer meus ancestrais, que são forças garantem e dão sentido a tudo que eu faço.



Agradeço a todos/as que de forma direta e indireta contribuíram para o realizar desse trabalho. Em especial, direciono meus agradecimentos ao professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho quem orientou e auxiliou a elaboração desse documento.

REFERÊNCIAS

ADESINA, J. Prática da sociologia africana: Lições de endogeneidade e género na academia. In: CRUZ e SILVA, Teresa; COELHO, João Borges; SOUTO, Amélia Neves. Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas Metodológicas Teóricas e Políticas. Dakar: 2012.

CARDOSO, Carlos. Possibilidades das Ciências Sociais em África. In: Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África. Dakar: 2011.

HOUNTONDJI, Paulin. "Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos". Revista Crítica de Ciências Sociais, n.80, março 2008.

SARAIVA, JFS. A África no século XXI: um ensaio acadêmico. Brasília: Funag, 2015.

YANKAH, Kwesi. "A globalização e o acadêmico africano". In: LAUER, Helen; ANYIDOHO, Kofi (Orgs.) O resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016.